

RESENHA

Umberto Eco. Tradução de Alastair McEwen. *Experiences in translation*, Toronto: University of Toronto Press, 2001, 135 pp.

Experiences in translation é uma compilação de três palestras que Eco apresentou como professor visitante na Universidade de Toronto em 1998. O livro divide-se em duas partes: a primeira lida com as experiências de Eco como tradutor e sobretudo como autor traduzido e, na segunda parte, ele esboça uma abordagem mais teórica para determinadas opções e faz uma análise de casos de tradução que apresentam um grau maior de complexidade.

Logo na introdução, Eco dá indícios da sua visão acerca da tradução: “Thus the first parameter to be applied in order to distinguish a good translation from a bad one is the one used by normal copy editors in normal publishing houses under normal circumstances (...)” (2000, p. x). E, de fato, na contra-mão dos modismos atuais que ditam discursos raivosos e, na maior parte

das vezes, contraproducentes, quando uma dificuldade seja de ordem lingüística ou cultural é apontada por Eco, ele acaba optando pela domesticação. Como, por exemplo, quando comenta a tradução para o inglês de um dos seus livros, afirma: “For this reason, Weaver [o tradutor], with my approval, sometimes shortened some long quotations and nonchalantly inserted some English paraphrases. It was a process of domestication that attempted to preserve some archaic aspects of the text” (2000, p. 29). Eco discute temas como equivalência, fidelidade e traição do tradutor, expressões já banidas dos discursos pós-modernos mais radicais, sem nenhum pudor ao longo do livro.

A primeira seção do livro aborda questões como a equivalência; a tradução com enfoque cultural; a dicotomia texto fonte e texto meta; a estrangeirização e a domesticação; o arcaico e o moderno; os limites de interferência do tradutor no texto fonte e a compensação.

Nessa seção, Eco atém-se à sua experiência como tradutor, que ele assume ser bastante limitada, e como autor traduzido. Por conseguinte, a maior parte dos exemplos apresentados diz respeito aos seus livros e aos diálogos travados entre Eco e seus tradutores. Apesar de lançar mão de exemplos por vezes superficiais, dado o seu sucesso como escritor, seus livros foram traduzidos para várias línguas e Eco traz inúmeros exemplos de tradução em francês, espanhol, inglês e alemão, possibilitando assim uma análise das estratégias de tradução.

Para Eco, a tradução tem como meta produzir o mesmo efeito no seu público que o texto original produziu no seu leitor. Para tal, o tradutor deve em favor dessa equivalência funcional negociar o enfoque da tradução. Dessa for-

ma, para preservar o que ele chama de história “profunda”, o tradutor por vezes terá que sacrificar a história “superficial”. De acordo com ele:

Thus, to preserve the psychological sense of the text, translators were entitled not only to make radical changes to the literal meaning of the original text, but also to its reference. (...) Only by this manoeuvre can the translator suggest what seems to be the ‘deep’ sense of the story (...) (p. 16).

Um aspecto bastante interessante do Eco como autor traduzido é a sua complacência com os seus tradutores. Ele sempre busca privilegiar um aspecto positivo da tradução e, mesmo quando detecta um erro, ele tenta compreender o porquê do deslize, um alento para tradutores comumente perseguidos. Ao comentar a tradução do seu livro *L'isola del giorno prima* para algumas línguas, ele destaca certa impropriedade do tradutor para o francês, mas acaba justificando a opção do tradutor, *couloirs de cretonne* (p. 34):

In the first paragraph, I talk of ‘corridoi di cretone’, using an archaic term for land rich in chalk. (...) For his part, Schifano [o tradutor] seems to have taken *cretone* for *cretonne* (which is a fabric). But perhaps he wanted to keep the sound of the Italian word and, in a page full of similes and metaphors, an undersea corridor resembling a fabric is not out of place. (2000, pp. 37-8).

A segunda seção do livro é chamada *Translation and interpretation* e dedica-se à reflexão teórica subjacente a determinadas opções. Eco parte da semiótica, sua especialidade, para abordar a prática e a teoria da tradu-

ção. O autor passa então a discorrer sobre a classificação de Jakobson dos três tipos de tradução; a intralingual, a interlingual e a intersemiótica e a discutir cada uma delas. Mais uma vez, o autor lança mão de exemplos óbvios, como quando discute a tradução de *buongiorno*:

If I have to translate into French a *buongiorno* uttered at the beginning of an interaction, I will not translate it as *bonne journée* (which would be semantically equivalent) because the French say *bonjour* at the beginning of an interaction and *bonne journée* (which is, moreover, a rather unrefined and informal expression) only when taking their leave. (...) Attempts to make these translations adequate depend on the effect (in this case, social) required, and the interpretation must pursue this effect (p. 82).

Ao longo dessa segunda seção, Eco busca definir os limites da tradução, isto é, o que pode ser considerado tradução e o que não pode. Eco discorre então sobre a interpretação, a definição, a matéria da expressão, a estilística, o efeito estético, a interpretação em oposição à tradução e a transmutação, na qual ele propõe um modelo de classificação das formas de interpretação. Nessa classificação, há três divisões básicas que são a interpretação por transcrição, a interpretação intrasistêmica e a interpretação intersistêmica.

Eco defende que a tradução propriamente dita consiste somente na tradução interlingual – transposição de um conjunto de signos de um código lingüístico a outro mediante interpretação. Eco passa então a analisar casos mais complexos de tradução, nos quais a função poética, a estética e a retórica teriam que ser consideradas quando da tradução.

Há dois exemplos que merecem destaque, porque claramente conhecidos por Eco. O primeiro é o das duas traduções de “The Raven” [O corvo] de Poe, uma em francês, do Mourey (p. 90), e outra em português, do Pessoa (p. 91). O autor argumenta que o efeito retórico foi perdido em ambas as traduções devido à inequivalência das opções dos tradutores para o *nevermore* ao final dos versos e, assim, a tradução foi tolhida do fator estético produzido no público original da poesia, já que “aesthetic appreciation is not just a matter of the text effect one experiences, but also involves an appreciation of the textual strategy that produces it” (pp. 93-4).

O segundo exemplo é a tradução de um capítulo do *Finnegan's Wake* de Joyce. Acredita-se que foi o próprio Joyce o tradutor do capítulo, apesar da reconhecida ajuda de terceiros. Ora, esse é um dos casos em que a crítica acusaria o tradutor de traidor, uma vez que se trata claramente de uma reescritura extremada do texto original. Entretanto, as traduções para o italiano e para o francês são em grande parte do próprio Joyce. De acordo com Eco, “Any translator who was not Joyce himself would have been accused of intolerable license. Of course there is license, and it is almost sophomoric in tone, but it is sanctioned by the author” (p. 111). Eco discute as dificuldades dessas traduções dado o estilo singular de Joyce e das possibilidades da língua inglesa e chama a atenção para o caráter alusivo, monossilábico e aglutinador do texto de Joyce, nem sempre alcançado nas suas traduções.

Acredito que o grande trunfo do livro seja a diversidade de códigos aos quais o leitor é exposto a cada exemplo. *Experiences in translation* não tem grandes pretensões teóricas e

tampouco apresenta inovações na prática ou na teorização da tradução; é um livro que se propõe a analisar trechos de tradução e a refletir acerca das propostas dos tradutores. Os exemplos são pinçados de acordo com a ordem e a importância conferidas por Eco e, na maioria das vezes, de textos dele. Assim, problemas quanto a interpretação ou sentido dúbio inexistem na discussão, empobrecendo-a.

Eco apresenta em *Experiences in translation* a sua visão sobre o que é a tradução e sobre os limites da sua prática. Apesar dos exemplos às vezes demasiado superficiais, Eco mostra-se um otimista em relação à prática da tradução e aos tradutores. O livro é indicado a estudiosos e práticos da tradução, que atentem para o fato de que Eco faz as análises das suas experiências “in the light of a ‘naïve’ concept of translation” (p. IX).

Luana Ferreira de Freitas

Universidade Federal de Santa Catarina
luanafreitas@estadao.com.br